



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

RELAÇÃO DOS RISCOS COM A ATIVIDADE DO TURISMO DE AVENTURA: ANÁLISE DA ATIVIDADE DE RAPEL NA PEDREIRA CURRAL DE ARAME MUNICÍPIO DE DOURADOS-MS

Bruno de Souza Lima ¹; Fábio Orlando Eichenberg ²;

UEMS - Caixa postal 351 - 79804-970 - Dourados – MS, E-mail: Bruno_mxsl@hotmail.com

¹ Bolsista de monitoria da disciplina de TAN1 (Técnicas Avançadas de turismo em Ambientes Naturais) do curso de Turismo-UEMS. ² Orientador, Professor M.SC. do curso de Turismo – UEMS.

RESUMO

O risco apresenta-se como uma importante variável importante na prática do turismo de aventura. Por isso, a importância em oferecer práticas de turismo de aventura que possibilite a execução da atividade com um grau controlado de risco é de suma importância. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo a percepção da relação dos riscos na atividade de rapel realizada na pedreira de Dourados-MS pelos alunos dos 3º anos do curso de turismo da UEMS – unidade sede. Para que isto fosse possível, foi utilizada a metodologia de observação *in loco* da atividade referida. Através do acompanhamento dos alunos, foi perceptível a importância dos condutores da atividade, dos equipamentos, do seguro e das pessoas que já haviam praticado a atividade anteriormente. Neste sentido, se conclui a importância das variáveis citadas para a minimização dos riscos e consequentemente uma melhor prática por parte do participante.

Palavras - chave: Turismo de aventura, risco, seguro.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é deveras pertinente quando enfrentamos um *tempo novo* compreendido pelos grandes eventos que se avizinham no *cenário brasileiro*. O Turismo fragmentado pelos vários segmentos no Brasil está em evidência. Segundo dados do Ministério do Turismo cresce mais do que a média de algumas atividades econômicas *tradicionais* no território nacional, dito isso, e colocado em evidência que atividades tradicionais (podem ser entendidas como sendo o setor do Agronegócio; Automobilismo; Siderurgia), o Turismo brasileiro está em alta, mas tem problemas, principalmente entre os segmentos que historicamente estão relegados a organização do próprio segmento, como *cases*: Ecoturismo, Turismo de Aventura e de Natureza. Esses são os objetos de nossa análise, e tem em seu bojo singularidades, e aproximações que aqui, para fins desse estudo igualaremos dentro do segmento de: Turismo na Natureza.

Para a compreensão de tal segmento, é necessário compreender as seguintes abordagens: a categorização do risco, a relação do risco com o turismo de aventura, a

importância do seguro em tais atividades e por fim o SGS (Sistema de gestão de Segurança) no turismo de aventura.

Sendo assim, inicia-se relatando sobre o risco.

Apalavra risco está ligada aos termos latinos *risicus* e *riscu*, ligados por sua vez a *resecare*, que significa 'corte'. Como uma ruptura na continuidade, como um risco que se faz numa tela em branco. (MONTEIRO, 1991, p.10, apud DAGNINO, 2007, p.2).

As pessoas buscam muitas vezes através do risco vivenciar a emoção através da prática desse exercício, estando ligado ao trabalho em equipe, paralelamente o respeito à 'preservação ambiental', afirma Marinho(2006) o sentido de vencer obstáculos naturais traz ao indivíduo sensações de conquista, de auto-realização. De acordo com Dagnino (2007, p.3): "Risco está presente em situações ou áreas em que existe a probabilidade, susceptibilidade, vulnerabilidade, acaso ou azar de ocorrer algum tipo de crise, ameaça, perigo, problema ou desastre".

Para melhor entendimento do risco na prática do turismo de aventura é necessário ter compreensão do seu significado, a palavra 'aventura' deriva do latim *adventura*, que compreende "o que há por vir". Afirma Priest (2001, p.112) "...para qualificar como aventura...o resultado precisa ser incerto", na prática dessa atividade sempre a emoção diferente em cada atividade executada.

No exercício atividade natureza, busca a realização de uma experiência recompensadora, envolvendo vários sentimentos como o entusiasmo, e realizar a atividade, colocando diante do medo de correr riscos e desafio de vencer obstáculos, McArthur (1989:3):

A aventura compreende liberdade de escolha; recompensas intrínsecas; e um componente de incerteza, por exemplo, quando os resultados da experiência são incertos ou seus riscos imprevisíveis.

Turismo de aventura abrange vários esportes, onde podemos destacar alguns deles, de acordo com Uvinha(2005, p.29):

- Aquáticos: boiacross, canoagem, duck, kitesurf, mergulho, parasail, rafting, surfe.
- Terrestres: arvorismo, bungee jumping, cicloturismo, caminhando, cavalgada, canyoning, escalada, espeleoturismo, fora de estrada, MotoCross, rapel, tirolesa.
- Aéreos: asa-delta, balonismo, parapente, pára-quedismo, ultraleve.

Podemos encontrar outros esportes não mencionados acima, em busca da realização desses esportes podemos evidenciar alguns riscos, de acordo com Read (1980), que se refere aos "elementos de risco", ressaltando que podem se tratar de riscos aparentes ou reais, podendo compreender riscos corporal, cultural e mental, deixando evidente que o risco é intrínseco à sua prática.

Segundo Ewert (1989, apud MARINHO, 2008, p.188) a atividade de aventura consiste na busca deliberada pelo risco e incerteza do resultado. Ainda segundo o autor, o risco adquire papel importante no que se relaciona a satisfação com a experiência, tendo em vista que a vontade de participar de tal atividade pode diminuir se os riscos não existirem, do mesmo modo que o excesso de risco em uma aventura pode acarretar na diminuição da satisfação, e até mesmo resultar na desistência da participação.

Deste modo, é possível perceber a intensa relação entre a aventura e os riscos, de maneira que o fato de "aventurar-se" naturalmente acarreta na exposição a riscos recorrentes na prática desta.

A segurança é a forma mais indicada para minimizar esses fantasmas em torno do risco, evidenciando a importância de uso das técnicas e equipamentos específicos, além da manutenção nos ambientes da prática de aventura.

Como já dito, o risco é parte integrante da prática desses esportes de aventura, por isso é de fundamental importância a garantia de segurança no decorrer da atividade, sendo assim minimizar os riscos torna-se necessário para se resguardar de possíveis intervenções na atividade em questão.

No exercício da atividade do turismo de aventura três fatores precisam ser levados a sério para haver segurança: pessoas, equipamentos e procedimentos, são necessários levar em conta também as condições climáticas na prática do exercício.

Em muitas atividades de aventura os guias precisam de qualificações específicas para poder conduzir clientes comerciais. Essas qualificações podem tanto ser exigidas por lei quanto por prática comum do mercado, sendo, então, essenciais para a empresa obter seguros adequados ou, ao menos, para que possa confiar no seguro, caso seja preciso usá-lo (BUCKLEY, 2011).

Neste sentido, qual o papel da seguradora na prática do turismo de aventura? Normalmente os seguros são contratados por dia, sendo ajustados pelas operadoras, atrativos turísticos e algumas unidades de conservação, habitualmente o seguro paga prêmios por morte ou invalidez no exercício da atividade e cobrindo despesas médico/hospitalares em decorrência da realização do exercício do turismo de aventura. Existem seguros voltados para os turistas que tem coberturas mais abrangentes, porém não cobrem atividades de turismo de aventura por serem considerados de risco elevados, afirma o Relatório e diagnóstico/Mtur (2005,p.23).

De acordo com (NBR:15:331 p.5, apud EICHENBERG; SILVA2013, p.2) “As organizações envolvidas com as atividades de turismo de aventura vêm procurando sistematizar e controlar as suas atividades, inclusive incorporando práticas de gestão de riscos, de maneira a proverem atividades de turismo de aventura de forma responsável e segura”.

Existem algumas regulamentações e normas vigentes no Brasil, neste artigo vamos mencionar especificamente sobre a norma 15331 regulamentada em 30 de dezembro de 2005 e o Sistema de Gestão de Segurança (SGS), que se fortalece genericamente em quatro triples: a identificação de perigos e riscos, a análise de riscos, a avaliação de riscos e o tratamento dos riscos, estando inserido no ‘*ciclo PDCA*’, ou seja, planejar, implementar, verificar e agir como menciona a Associação Brasileira de Normas Técnicas(ABNT,2005.p.07).

Através dessas análises é possível estabelecer procedimentos para operar segurança nos atrativos turísticos, tendo como objetivo a prevenção, a necessidade de evidenciar os locais inapropriados para a prática do esporte, para uma boa implementação do SGS é necessário que todos os órgãos estejam envolvidos que haja uma integração entre os setores públicos, privados, parceria com as empresas, hospitais, bombeiros, agentes de viagens e todo trade turístico.

Visando a melhoria nas atividades do turismo de aventura e ecoturismo no Brasil, o Ministério do Turismo, com parceria com a Abeta, por meio do Programa Aventura Segura, disponibilizou cursos de capacitação para condutores de turismo de aventura, sendo oferecido através de ensino a distância (EAD) ou na forma presencial, lembrando que os cursos presenciais foram ministrados apenas nos principais destinos do turismo de aventura no País, contemplando apenas agentes locais que já trabalhavam na atividade, ou que queriam trabalhar (AURICCHIO, 2013).

Deste modo, é possível perceber a importância do PAS para o desenvolvimento da atividade do Ecoturismo e do Turismo de Aventura nos estabelecimentos que oferecem tais atividades, porém as indagações por parte dos empresários constituem “gargalos” a serem analisados e sanados para uma melhor experiência do programa.

De maneira à auxiliar nessa percepção dos acidentes no turismo de aventura e ecoturismo, temos o site da associação férias vivas³, este que tem como objetivo a educação para o turismo seguro e responsável, defendendo o turismo e lazer consciente e seguro, disseminando uma cultura de prevenção de acidentes através da implantação de padrões reconhecidos mundialmente (ASSOCIAÇÃO FÉRIAS VIVAS, 2011).

O site busca apresentar matérias e artigos que auxiliem na percepção das praticas de turismo de aventura e ecoturismo, sendo assim uma ferramenta de significativa importância para os estudos sobre acidentes em tais atividades, uma vez que o site disponibiliza uma área de busca onde é possível encontrar os registros de variadas tipologias de acidentes nos diversos segmentos deste ramo que ocorreram nos últimos anos, ou seja, que ocorreram mesmo após a implantação do programa aventura segura.

MATERIAIS E MÉTODOS

Baseado no referencial até aqui apresentado, foi utilizado tal conteúdo para a observação de uma das atividades práticas do curso de Turismo – UEMS – unidade sede Dourados-MS. A atividade em questão é a realização da pratica de rapel na fazenda Curral de Arame, onde está localizada a pedreira da cidade, hoje desativada para este fim.

Esta prática aconteceu no dia 30 de Agosto de 2014 com os alunos dos 3º anos (Noturno e Matutino) do curso de turismo, tendo como objetivo testar as técnicas verticais da atividade de aventura aplicada anteriormente em sala de aula por meio de conteúdo teórico, evidenciando a importância de sua execução, onde os alunos pudessem vivenciar *in loco* a relação teoria x pratica que envolve o turismo de aventura.

Para a realização do rapel, foram convidados condutores reconhecidamente qualificados para auxiliar a prática da atividade de rapel, os mesmos possuem conhecimento do local, conhecimento dos equipamentos utilizados e já desenvolveram praticas semelhantes com estudantes iniciantes em técnicas verticais.

O curso de turismo disponibilizou os equipamentos necessários que estão alocados no laboratório de planejamento e organização do turismo em ambientes naturais (LABPOTAN), estes sendo verificados anteriormente sobre suas condições de uso. Além da disponibilização de um barco e motor para a descida do rapel e remoção por água dos participantes. Esses equipamentos, mais coletes salva vidas e outros necessários, foram gentilmente cedidos por um aluno do curso de Turismo da UEMS, sendo o referido aluno habilitado pela Marinha do Brasil para exercer atividade de pilotagem de pequenas embarcações.

Ainda na organização da atividade, o professor responsável, Fábio Orlando Eichenberg, providenciou os seguros de todos os participantes, custeados pelos próprios. Para um melhor desenvolvimento da pratica, os alunos foram orientados via rede social com dicas a respeito de vestimentas, alimentação e proteção no decorrer do rapel.

No dia da atividade, antes de começar as descidas, o condutor responsável e o professor reuniram os alunos para orientações básicas.

Relacionando o conteúdo da matéria acadêmica em questão, o aluno monitor se disponibilizou para a organização da atividade, tanto antes, como durante e depois da pratica, uma vez que a monitoria possui em uma de suas vertentes o auxilio no desenvolvimento de conteúdo e praticas do conteúdo programado pelo professor.

Objetivando este artigo, o aluno monitor através da percepção da atividade pode relacionar os riscos e seus nuances envolvidos na descida do rapel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De modo geral, a atividade de rapel na pedreira pelos alunos dos 3º anos do curso de Turismo foi concluída de maneira satisfatória. Foi possível estabelecer a relação da teoria com a prática por meio da atividade executada.

A partir da percepção, foi possível observar a importância de vários elementos que contrabalancearam os riscos que envolviam a descida do rapel, e conseqüentemente sobrepondo o medo de praticar esse tipo de atividade.

O primeiro ponto a observar é a responsabilidade em realizar esse tipo de prática com a contratação de seguro. Mesmo que, sempre se faz importante a necessidade de não se utilizar o seguro, ou seja, de que não aconteça nenhum acidente, o simples fato de que os integrantes da atividade estejam segurados já denota um sentido de segurança e profissionalismo.

Outra importante variável é a segurança que os condutores passavam para os participantes, ao ponto de que alguns alunos exigiam a descida conjunta com os condutores, demonstrando assim a confiança nos profissionais ali presentes.

Os equipamentos, previamente revisados, apresentavam-se em perfeitas condições de uso, minimizando assim a percepção de riscos.

A presença do aluno monitor e de outros participantes que já haviam praticado a descida de rapel foi importante na troca de experiência e informações com os alunos que não haviam tido contato com este tipo de atividade, denotando a importância da experiência prática compartilhada.

CONCLUSÃO

A partir deste artigo, é possível concluir a importância dos elementos envolvidos no turismo de aventura no que tange ao controle dos riscos. O seguro, profissionais envolvidos, equipamentos e troca de experiência pode substancialmente minimizar os riscos, e deste modo, auxiliar na prática de outras pessoas que possuem pouco, ou nenhum contato com a atividade do turismo de aventura.

REFERÊNCIAS

ABETA; MINISTÉRIO DO TURISMO. **Manual de boas práticas de sistema de gestão da segurança.** Ed. dos Autores: Série Aventura Segura. Belo Horizonte, 2009.

ABETA; MINISTÉRIODOTURISMO. **Programa Aventura Segura: concepção, metodologia e resultados.** Série Aventura Segura. Belo Horizonte, 2011.

ABETA; MINISTÉRIO DO TURISMO. **Relatório de Impactos do Programa Aventura Segura.** Série Aventura Segura. Belo Horizonte, 2011.

ASSOCIAÇÃO FÉRIAS VIDAS. Sobre nós. Disponível em: <<http://www.feriasvivas.org.br/SobreNos.aspx>>. Acesso em: 30 de março de 2014.

AURICCHIO, Jose Ricardo. **Formação e atuação profissional em atividade de aventura no âmbito de lazer.** 2013. 183f. Tese (mestrado em educação física)– Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2013.

ABNT. **Turismo de aventura–Sistema de gestão da segurança – Requisitos**. ABNT NBR15331. 1ª Ed. Rio de Janeiro, 2005.

BUCKLEY,Ralf; UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de Aventura: Gestão e atuação profissional**. Coleção Eduardo Sanovicz de Turismo. SãoPaulo: Editora Elsevier, 2011.

DAGNINO, Ricardo de Sampaio. **Risco: o conceito e sua aplicação**. Módulos e Riscos e Unidades Ambientais. Unicamp. Campinas. Outubro, 2007.

EICHENBERG, F. O; SILVA, C. A. Da. **Políticas públicas de turismo no Brasil: normatização em turismo de natureza e experiência do programa aventura segura**. Revista de investigación em turismo e desarrollo local. Vol6, N°15. Dezembro, 2013.

MARINHO, A. Lazer, Natureza, Viagens e Aventura: novos referentes. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. **Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza**. Barueri, Manole, 2006.

MARINHO, A. **Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza**. Movimento. v.14, n.02, PortoAlegre, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewFile/5756/3364>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

MARINHO, A. **Lazer, aventura e ficção: possibilidades para refletir sobre atividades realizadas na natureza**. Motriz. Rio Claro, 2009. Disponível em:<<http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/motriz/article/viewFile/1969/1916>>. Acessado em: 07 mar.2014.

MINISTERIO do Turismo. **Regulamentação, normalização e certificação em turismo de aventura: Relatório diagnostico**. Brasília, 2005.

UVINHA, R. R. **Turismo de aventura: Reflexões e tendências**. São Paulo: Aleph,2005